

MARCELLINO MESQUITA



MARGARIDA DO MONTE

MARCELLINO MESQUITA

MARGARIDA

DO

MONTE



Peça em quatro actos

Episodio corteção da primeira metade do seculo XVIII



LISBOA

—  
"A EDITORA"

*Largo do Conde Barão, 50*

—  
1910

## De uma carta de Theophilo Braga

---

.....

*Para que duas linhas de critica? Bastava o quadro dramatico da «Margarida do Monte» ser tracejado na fórma nacional de auto vicentino, que ainda não decaiu da sua belleza nativa, para suscitar um interesse que se me impõe mesmo «n'este momento em que todo o tempo é contado.» Este quadro é uma deliciosa tela, em si original e caracteristica como episodio do seculo XVIII, o seculo mais audacioso da historia, por si mesmo provoca o desejo de contemplal-o nas suas feições pittorescas e contrastes das situações dos typos bem definidos e do espirito da epoca excepcional. Os typos conhecidos pelos documentos e tradições persistentes têm a sua verdade na realidade flagrante. D. João V, o rei faustoso, devasso e beato, um completo Bragança, tem esse aspecto que lhe deu o povo na sua cantiga:*

*Nós tivemos cinco Reis  
Todos chamados Joões;  
Os quatro valem milhões,  
O quinto nem «cinco réis».*

*Marcellino conhece como erudito e sente como artista o seculo XVIII; trata-o com sympathia e estudo. E' esta a condição para crear uma obra de arte; está á sua vontade tocando com pinceladas firmes a sua tela, em que a sensualidade da epoca se torna sombria e tragica ao roçar pelo satyrisimo de um despota na impo-*

tencia organica. E' a logica do desenlace dramatico. Na «Margarida do Monte», a cigana encantadora e desenvolta, atura com enfado as solicitações do monarcha, que suppre a falta de calor com o deslumbramento das dadas; na sua paixão de fêmea ella engana o rei entendendo-se com um gentil fidalgo toireiro da estirpe dos Vimiosos. O rei teve denuncia da aventura, e a vingança do regio ciume é implacavel: a cigana é metida n'um convento, e ao inquerir da sorte do galante fidalgo, D. João V declara-lhe que elle já deve estar enforcado. Em seguida o rei revela á seductora cigana, que mandou que a recolham como freira professa, para sempre, na clausura. Pelo determinismo atavico da sua raça Margarida depois de protestar que o rei nada pode contra ella, pucha de uma faca e suicida-se abruptamente, liberta-se pela morte.

Em toda a acção Marcellino Mesquita mostra-se um poeta apaixonado e epigrammatico, em que os modismos populares são deliciosamente empregados. Margarida é uma «Venus vitrix» diante do rei gasto e dourado. Saudando-o pela obra nova com que dotou a litteratura dramatica, concluirei com este pensamento de Eça de Queiroz, para lhe provar a inefficacia da minha critica: «As obras de arte «fallam por si mesmas, explicam-se por si mesmas», sem terem necessidade de pôr ao lado um cicerone.» O seu drama impõe-se, tem vida em si, interessa e encanta.

.....

## PERSONAGENS

---

- MARGARIDA DO MONTE ..... Cigana de dezoito annos. Cabellos e olhos prêtos; ora melancolicos, ora vivos. A tez pallida e trigueira. Cabeça esbelta. Veste: saia de sêda com ramagens de côres vivas, um pouco curta, com quatro a cinco ordens de folhos, a partir da cintura. Corpête aberto, justo. As mangas, curtas com franzidos. Avental com fitas. Chaile de uma só côr com largas franjas. Lenço de sêda de côres vivas. No pescoço uma fita de sêda com uma cruz de oiro. Brincos de oiro. Sapatos de entrada a baixo.
- Cabello apartado ao meio e aos lados. Levantado, no occipital, em «periquito», atado com fitas. Sobre as orelhas, grandes caracoês, de cabello entrançado pregado com gan-

	chos. Um cravo, uma flôr, sobre os caracoés.
	Viva, intelligente, supersticiosa e energica.
MANUELA .....	Avó de Margarida. 70 annos. Typo velho, de raça. Magra, velhaca.
SOROR JOANNA.....	Abadessa do Convento da Rosa. Carmelita. 60 annos.
SOROR LUIZA.....	Freira Carmelita da Rosa. 30 annos.
SOROR MARIA .....	Carmelita.
SOROR LUZ.....	Carmelita.
ANNITA.....	Vinte annos. Creada de Margarida.
EMILIA.....	Cosinheira. Nova.
D. JOÃO V.....	O Rei de Portugal. Entre os cincoenta e sessenta annos. Typo gasto, cançado; mas com aprumo. Veste luxuosamente. Religioso, devasso, cruel, intelligente, mas sem illustração.
MIGUEL VIMIOSO.....	Vinte e quatro annos. Typo portuguez peninsular. Toireiro, valente, nobre.
SOUTO MAIOR .....	Corregedôr da côrte. Amigo intimo do rei. Confidente. Poeta ironico. Cincoenta annos.
ALEXANDRE DE GUSMÃO .....	Escrivão da puridade. Quarenta annos. Homem intelligente, ironico, sagaz.
DIOGO DE MENDONÇA.....	Ministro do exterior. Habil. Cincoenta annos.
FR. GASPAR DA ENCARNÇÃO....	Frade franciscano, nobre. 50 annos. Ministro do interior.
FR. THOMAZ .....	Frade bernardo. Mestre de cantochão em Mafra. Corpo enorme. Finorio. Comilão. Beberrão.

---

FR. JOÃO DE NOSSA SENHORA . . . . .	Frade franciscano de Xabregas. Pequeno, gôrdo e côrado. Prégadôr das ruas. Pedinte. Poetastro. 50 annos.
DR. HENRIQUES . . . . .	Medico do rei. 50 annos.
O PADRE IGNACIO . . . . .	Priôr da egreja do Sacramento. 50 annos.
FR. MARTINHO . . . . .	Confessôr do rei. Quarenta annos. Franciscano.
O PADRE AZEVEDO . . . . .	Jesuita. Quarenta annos. Typo de Tartufo.
O PADRE RODRIGUES . . . . .	Secular. Trinta annos. Capellão.
O CONDE DE VALLADARES . . . . .	Setenta annos.
FR. SIMÃO . . . . .	Frade dominico. Quarenta annos.
BENTO . . . . .	Creado de Margarida. Trinta annos.

Quadrilheiros. Freiras.



- ANNITA Se quer cama é bebedeira.  
Andam sahidos c'ò a lua.
- BENTO Saiba se pode subir.
- ANNITA Deve poder, mande abrir:  
Se a menina o não quizer  
Ou não puder receber,  
Põe-se depressa na rua.
- BENTO (para baixo) Faça favor... queira entrar.  
(Abre-se o portão. Passos)
- O cão não morde (que pena)!  
Pela escada da direita,  
Ou pela esquerda... querendo.  
(Como vendo o frade)
- Eia, que alarve! que bêsta!  
(Fr. Thomaz apparece) Por aqui, a porta é esta.  
(Beijando o cordão do habito)
- Sua benção, Reverendo.  
FR. THOMAZ (abençôa) Deus te faça um santo.
- BENTO Agora,  
Queira esperar um instante,  
Minh'ama não se demora. (Sahe)
- FR. THOMAZ Caramba, que luxaria!  
Uma caza de cigana?!  
Valha-nos Santa Maria,  
Que riqueza que ella tem!  
Deve comer-se, aqui, bem;  
E, beber! meu São Francisco,  
Que rica capellania! (Entra Margarida)
- MARGARIDA Às vossas ordens, meu padre.
- FR. THOMAZ Ah! Senhora, não vos via,  
Perdoai.
- MARGARIDA Não ha de quê.  
(Margarida examina-o interessada e risonha)
- FR. THOMAZ Surprehendo-vos?

- MARGARIDA Confesso:  
Nunca vi um frade ao pé.
- FR. THOMAZ Nunca vos déste ao trabalho...  
Elle ha tantos, era querer...  
Não calhou.
- MARGARIDA Mas calha, agora?  
FR. THOMAZ Se vos agrada.
- MARGARIDA (rodeando-o) Por fóra,  
Parece um grande chocalho;  
Por dentro...
- FR. THOMAZ Não tem que vêr.  
MARGARIDA (mirando-o) Usam, tambem, roupa branca?  
Que o deva sêr?
- FR. THOMAZ No inverno.  
Em geral, durante o verão,  
E' só o habito externo...  
Deve ser frêsko?
- MARGARIDA Um buraco.  
FR. THOMAZ E' como quem diz: Adão  
Mettido dentro d'um sacco.  
MARGARIDA (A rapariga tem graça).  
FR. THOMAZ As alpercatas são feias.  
MARGARIDA (Faz-lhe signal e Fr. Thomaz senta-se)  
Porque não usam sapatos  
Ou botas?
- FR. THOMAZ A nossa regra  
Não nos permite o usal-os.  
MARGARIDA Economia de meias?  
FR. THOMAZ Economia de callos.  
MARGARIDA (vendo) O cordão de São Francisco?  
FR. THOMAZ O cordão do fundadór  
Da nossa ordem sagrada.  
MARGARIDA O' freire, para que serve isto?  
E' para fazer a cintura

- FR. THOMAZ Um pouco mais delicada?  
 Não, senhõra: a bem dizer  
 Isto não serve pra nada.
- MARGARIDA Porque rapam a cabeça  
 Como quem rapa um pepino?  
 Parece um queijo londrino  
 N'um açafate de pêllos.  
 Chega a fazer mal aos olhos.  
 Porque é?
- FR. THOMAZ Será, Senhõra,  
 Pra evitar que os piolhos  
 Marinhem pelos cabêllos.
- MARGARIDA Então, rapassem-nos todos,  
 Do principio até ao cabo.
- FR. THOMAZ Ficavam todos os freires  
 Tendo cabeças...
- MARGARIDA De nabo!
- FR. THOMAZ (rindo) (O demo da rapariga  
 Tem mais graça que o diabo).
- MARGARIDA É brincar... desculpe, sim?  
 É bom ir rindo no mundo  
 Antes que a morte nos mate.  
 O que quereis, então, de mim,  
 Frei... frei quê?
- FR. THOMAZ Eu? Frei Tomate.
- MARGARIDA (ri) É uma alcunha?
- FR. THOMAZ (rindo) É alcunha.  
 Como sou um tanto gôrdo  
 E tenho a pelle escarlate,  
 El-Rei, um dia, em gracejo,  
 Chamou-me dom Frei Tomate.  
 Os cortezãos deliraram,  
 Pegando no disparate.  
 Desceu a graça á gentalha...

MARGARIDA Era do rei!  
FR. THOMAZ Ora, ora.  
MARGARIDA Compreendo.  
FR. THOMAZ Foi um bôdo.  
Não se admire a senhõra,  
Se fõsse um mólho de palha  
Pegavam do mesmo modo.  
A côrte dos reis, dos nossos,  
É um canil dos mais sujos,  
Tal a malta de sabujos  
Que, lá, uiva atraz dos óssos.  
MARGARIDA Hão-de ser todas assim.  
Afinal, meu reverendo,  
Quem sois vós? dizei-mo, sim?  
FR. THOMAZ Um pobre frade, senhõra.  
Nasci ao pé de Alcobaça,  
N'uma noite de janeiro.  
Minha mãi era padeira;  
O meu pai, desconfiava  
Minha mãi que era um moleiro,  
Muito de caza, compadre.  
MARGARIDA (rindo) Não podia afiançar?  
FR. THOMAZ N'aquellas terras, senhõra,  
Ninguem se pode gabar  
De não ser filho de frade.  
MARGARIDA Mas as mãis devem saber...  
FR. THOMAZ Deviam... é um feitiço:  
Os frades fazem aquillo,  
Sem ellas darem por isso. (Pausa)  
Fugi, de caza, garôto,  
Com um creado dos freires:  
Porque a borõa era por conta,  
Mas a «castanha» aos alqueires.  
MARGARIDA Foi assim que começou



- FR. THOMAZ Esse.
- MARGARIDA Mandou-vos...?
- FR. THOMAZ Offerecendo
- Tudo o que tem p'lo resgate  
Do vosso amôr, da ventura...
- MARGARIDA Pois, meu caro reverendo,  
(Olha-o firme e Fr. Thomaz cala-se)
- P'lo que dizeis, linguareiro,  
Não sois bem um frei Tomate,  
Sois um frei alcoviteiro.
- FR. THOMAZ Senhora.
- MARGARIDA Não vos censuro,
- Nem tenho que censurar:  
O vosso officio, na Terra,  
É ligar e desligar.  
Sois tesouras e cadeias;  
(Como se lhe cahisse a liga levanta a saia e ata-a)
- Sois... como as ligas das meias,  
Que é atar e desatar.
- FR. THOMAZ «Vade retro Satanaz!»  
(Que linda perna!)
- MARGARIDA Meu frei,
- Que quer dizer o latim...  
É latim esse aranzel?
- FR. THOMAZ Quer dizer: — cruzes, demonio,  
Não me deixes, anjo bento!
- MARGARIDA Julgava que era o contrario:  
Leve o demonio o burel... .
- FR. THOMAZ Pra sêr isso é necessario (limpa o suor)  
Que seja, lá no convento.
- MARGARIDA Tendes calôr?
- FR. THOMAZ É do tempo.
- Este mez vai pouco frêsko.  
Se quereis tomar um refrêsko?
- MARGARIDA

- FR. THOMAZ Um copo d'agua... fresquinho...  
 MARGARIDA Agua, fria? Nunca bêbo!  
 FR. THOMAZ Então, um copo de vinho?  
 MARGARIDA Vinho?... Talvez.  
 FR. THOMAZ Esperai. (Sahe)  
 Valha-me Santa Linguiça,  
 Que o vinho d'esta madama  
 Deve ser vinho de missa!  
 MARGARIDA (entra) Vem ahi.  
 FR. THOMAZ Muito obrigado.  
 MARGARIDA (senta-se) E, quanto ao vosso recado,  
 Dizei, ao conde, que tudo  
 Entre nós é acabado. (Fr. Thomaz entristece)  
 Não fôsse tão ciumento,  
 Não fôsse precipitado.  
 FR. THOMAZ O maldito do ciume,  
 Tudo estraga, tudo gafa!  
 ANNITA O vinho, minha senhõra.  
 (Entra com uma garrafa e copo enormes)  
 FR. THOMAZ (deslumbrado) Que belleza de garrafa!  
 (Annita colloca a bandeja e sahe)  
 MARGARIDA Sente-se, agora, melhor,  
 (enche o copo e offerece a Fr. Th. que bebe)  
 Mais frêsko, mais consolado?  
 FR. THOMAZ Parece que estava môrto  
 E que fui ressuscitado!  
 MARGARIDA Um outro copo?  
 FR. THOMAZ Já? Não.  
 MARGARIDA Elle aqui está e não foge.  
 Se é de mais tira a razão.  
 FR. THOMAZ Não dei por isso, até hoje.  
 MARGARIDA Bebe pouco?  
 FR. THOMAZ Assim, assim.  
 MARGARIDA O mais que bebe?



Um dia de estar deitado,  
 Com um febrão desmarcado  
 Que durou horas. Elle ha...  
 Talvez dez annos... ha dez.  
 Foi o caso o vir d'Algés  
 A pé, até ao convento.  
 Muito pó, muita poeira...  
 Eis senão caio nasneira  
 De, á noite, lavar os pés.  
 Olha, lá, que brincadeira!  
 Tiveram que me sangrar,  
 Perdi jantar e merenda,  
 E logo em dia de festa!  
 Cautella não cáia n'outra  
 Ah! não, ficou-me de emenda,  
 (faz com os dedos uma cruz que beija)  
 Essa lh'o juro... por esta. (Levanta-se)  
 Agora... se dais licença?  
 Ides-vos?  
 E' necessario  
 Tenho um osso inda a roer.  
 Um osso?  
 O meu breviario.  
 Cálculo. Na cella? Só?  
 Como um espargo!  
 E' de espantar:  
 Sois um frade virtuoso,  
 Sois um frade exemplar.  
 Francamente... a esta hora,  
 Quantos frades se encontravam  
 No convento, a um e um?  
 A esta hora?...  
 Um ou dois.  
 A esta hora? Nenhum!

MARGARIDA  
 FR. THOMAZ

MARGARIDA  
 FR. THOMAZ

MARGARIDA  
 FR. THOMAZ

MARGARIDA  
 FR. THOMAZ

MARGARIDA  
 FR. THOMAZ

MARGARIDA

FR. THOMAZ  
 MARGARIDA  
 FR. THOMAZ

- MARGARIDA E... a vossa?... a vossa freira?  
Que nome tem? como é?  
(gesto negativo de Thomaz)  
Gôrda, magra, regular?  
É fina como uma ripa?...  
FR. THOMAZ A dama do meu pensar  
É gôrda, chama-se: — pipa!  
MARGARIDA Olhai o filho a escutar,  
(enchendo o copo)  
Pedindo os beijos do pai.  
Que linda côr e que brilho!  
FR. THOMAZ (indo a ella) Pois não me faço rogar  
Que não sou pai pra negar  
Os meus beijos a um filho. (Bebe)  
El-Rei não bebe melhor,  
Nem ha melhor vermelhaço.  
MARGARIDA É o que bebe aqui mesmo,  
É o que bebe no paço.  
FR. THOMAZ (espantado) Aqui?  
MARGARIDA Á ceia.  
FR. THOMAZ O monarcha?  
Mas, vós... a caza... é d'el-rei?  
MARGARIDA Desde o portão aos telhados.  
FR. THOMAZ Ai, meu pobre frei Tomate,  
Tens os teus dias contados!  
Onde eu cahil! Arranjei  
Acabar n'algum «segrêdo»!  
MARGARIDA Descance, não tenha medo.  
O que se disse entre nós  
Entre nós fica. O aqui estar,  
Se El-Rei souber, eu direi  
Que veio porque o chamei  
Pró ouvir.  
FR. THOMAZ A mim?